

MARÍLIA GIL – Produtora cultural

Sócio-fundadora da Gil & Canella Produções.

1. Quem é Marília Gil?

Marília Gil é uma pessoa de cultura, que trabalha com isso, que vive isso em sua rotina. Acho que isso me define mesmo, eu comecei nesse trabalho com 25 anos mais ou menos, mas eu vivo nesse meio desde sempre, então respiro esse universo há muito tempo, você acaba incorporando isso em outras esferas da sua vida. Lógico que tem coisas outras que gosto de fazer, tenho muitas amizades, tenho essa relação familiar muito forte, adoro essa convivência de família, tem essa coisa dos filhos que também me define muito, mas o trabalho é o que me faz respirar, acordar todo dia e me projetar para o futuro. Eu vivo muito essa inconstância que o próprio ritmo do meu trabalho imprime em minha vida.

2. O que você entende por cultura?

Cultura é tudo que imprime a identidade de um povo, de uma sociedade. De alguma forma, é bem amplo, tudo o que é costume, o que é hábito, o que é herança, o que passa de geração em geração tudo isso é cultura.

3. Como você avalia a produção artística baiana nos últimos anos? Em particular na área de música, que artistas/bandas você destacaria?

Tem muita coisa acontecendo por aí, tem uma galera muito bacana fazendo música. Acho muito rica culturalmente a produção musical baiana. Tem muita diversidade. Tem os meninos do Baiana System que fazem um trabalho de resgate, um trabalho bem consistente. Tem a Maglore, a Marcia Castro... Vejo um mercado mais democrático. Teve uma época em que a gente tinha essa hegemonia do *axé music*, era o que se exportava da Bahia e o que tinha visibilidade até aqui dentro do estado, tudo era muito voltado para isso. Tem espaço para outras coisas. O que é tradicional continua se mantendo, o pessoal do Olodum continua fazendo, Gerônimo, Luiz Caldas, este está se revisitando, fazendo coisas novas. Não existe mais essa grande expectativa de vender fora, de você acontecer fora, esse reconhecimento já foi bem mais importante. Tem muita coisa acontecendo aqui que é reconhecida aqui e sobrevive localmente. É diferente daquele *glamour*, das grandes cifras que se arrecadavam em shows, essa questão do *axé music* hoje é muito mais modesta, no sentido do mercado da música mesmo, uma dimensão menor. Tem espaço para uma diversidade maior. E vejo a coisa mais interativa também, as pessoas se visitando, trocando de uma forma muito mais intensa do que num passado não tão distante.

4. Como você avalia as políticas culturais na Bahia hoje?

Sobre as políticas públicas, a gente acaba vivendo sempre uma incerteza. Recentemente tínhamos a possibilidade de ter editais e acabou não acontecendo. Você fica sem saber quando é que vai acontecer, se vai acontecer... Acho que tem boas propostas, tem uma galera que está lá batalhando por projetos, por editais, mas o momento atual é bem incerto. As

www.producaoculturalba.net/

pessoas acabam apostando muito nessas possibilidades por conta da dificuldade de conseguir patrocínio direto, ficam esperando que a coisa venha via governo. Depende muito de quem está no comando, depende do orçamento... Mas hoje é muito melhor do que já foi, teve uma época em que não tínhamos essas opções, não tínhamos as leis, existem mais oportunidades neste sentido de você poder vislumbrar algumas possibilidades de dar entrada num projeto, mesmo que você não tenha um patrocínio direto você consegue, às vezes, via Fundo de Cultura. Você tem uma diversidade maior de opções. De qualquer forma é uma batalha, não dá para se acomodar e esperar sempre uma continuidade depende muito de quem está ali à frente.

5. O que você pensa sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismos de financiamento? Vocês trabalham com esses mecanismos?

A gente procura pesquisar e estar informado para encaixar aquilo que a gente tem de projeto no que os editais estão propondo. Às vezes, você acomoda muito naquilo, sabe que vai acontecer e aí não busca outras possibilidades, você não diversifica. Ouço as pessoas se queixarem que não entendem que não sabem mexer na internet, de alguma forma, restringe para algumas pessoas. Às vezes também falta boa vontade, a pessoa já entrou naquele ritmo, acostumou-se ao patrocínio direto e não quer ter o trabalho de ler o edital, de entrar na internet, de readequar o projeto. Mas tem gente se especializando nisso. Eu sou uma pessoa que busca parceiros, às vezes você tem um ritmo de trabalho, viagens, e não dá para você estar 100% antenado com tudo. Não dá para ficar isolado, tem que buscar parcerias para tentar viabilizar os projetos. O edital é mais democrático tem uma curadoria não é aquela coisa de indicação, de certa forma, facilita o acesso, apesar dessa dificuldade de algumas pessoas se adequarem.

E em relação às leis de incentivo?

Elas são importantes também. Estão sempre se ajustando, buscando se readequar também para a nova realidade. Você tem que estar sempre se atualizando porque nem sempre o que podia na edição passada agora pode, mas é uma via muito importante. As empresas - apesar de nem todas entenderem e saberem aproveitar as leis - estão bem mais acessíveis. Existem encontros de formação em que você junta o empresariado, o produtor, o captador para trazer essas informações para as empresas, é bem mais fácil hoje do que já foi.

6. Qual o papel da iniciativa privada no financiamento à cultura? Qual a importância de programas como o *Conexão Vivo* e o *Natura Musical*?

O patrocínio direto hoje é cada vez mais difícil, mas ainda acontece. Hoje esse entendimento das leis é uma coisa de um “toma lá, dá cá”, não é um investimento 100% direto. Existem empresas que realmente não se enquadram nas leis e têm um faturamento altíssimo, têm uma questão de investimento em marketing, em visibilidade, mas o interesse dessas empresas está voltado para projetos de maior visibilidade, que estejam relacionados a grandes artistas. Então o patrocínio direto acontece, mas dentro desse perfil. Sobre os projetos *Conexão Vivo* e *Natura Musical*, uma empresa que tem esse olhar, esse cuidado, é uma benção! (risos) O *Conexão Vivo* foi um grande marco, vejo como um diferencial. O *Natura Musical* absorveu um pouco do www.producaoculturalba.net/

modelo do Conexão com uma dimensão talvez um pouco menor, readequando para a realidade da própria empresa, mas de uma forma muito feliz porque começou indo muito para os grandes artistas e hoje tem um olhar para o novo, para a diversidade. Também acho que em função dessa lição do Conexão de tirar o olhar só do midiático, olhar para os artistas que estavam fora desse circuito. Artistas novos e artistas que saíram um pouco do circuito, resgatar isso, isso foi muito importante e o Conexão foi o desbravador e hoje outras empresas estão seguindo, como a Natura. Espero que outras trilhem o mesmo caminho. Infelizmente o Conexão não teve continuidade, por questões internas da própria empresa. Mas foi deixada uma semente que não morre, tem uma cena que está aí colhendo esses frutos. A rede do Conexão está aí articulada, fazendo aos trancos e barrancos, mas está fazendo. Aconteceu em Minas Gerais, tem acontecido em algumas cidades fora da capital (Belo Horizonte), teve no Rio de Janeiro, vai ter em São Paulo, Pará, os artistas meio que se articulando, a cena local está conseguindo manter, não no mesmo ritmo que estava, foi um baque o fato de o patrocínio ter sido suspenso, mas o trabalho continua não dá para parar não.

7. Quando foi criada a Gil & Canella Produções? Como está estruturada? Quais seus principais clientes e projetos e em quais segmentos vocês atuam mais?

A Gil & Canella começou como Gegê Produções há uns 20 anos. A gente começou pegando carona na onda dos anos 1980, dos grandes artistas do rock e do pop nacional. A gente queria trazer artistas de fora para a Bahia, aqui para Salvador, nesse movimento pop dos anos 1980. Então a gente começou voltado para esse mercado. Ao longo dos anos a coisa foi diversificando, tivemos mudança de sócios, mudamos também o nome da empresa para Gil & Canella porque ficaram duas sócias, eu (Marília Gil), e Piti Canella, minha sócia. Mudamos o nome e ampliamos o leque de opções de trabalho. Hoje a gente faz uma diversidade de eventos muito maior, a gente faz evento para empresa, faz música, dança, teatro, projetos que a gente mesmo concebe, entra em edital, em lei e a gente mesmo executa. A gente está dentro de um leque bem grande de realizações e de alguma forma a experiência ajuda porque são 20 anos de estrada. Algumas coisas que fizemos não fazemos mais, por opção mesmo ou por desgaste, e outras a gente está implementando mais agora, como essa questão do projeto de você conceber e realizar. Não temos muito essa coisa de cliente, atendemos alguns clientes, mas sem uma regularidade. Já fizemos eventos para a Natura, já fizemos eventos para a Ferbasa, para a Vivo. Você alimenta o cliente, mas tem que estar aberto também para outras coisas. Fazemos muitas parcerias, um artista ou um espetáculo que tem o interesse de vir, a gente não tem o patrocínio, às vezes eles têm o patrocínio e precisam de um braço local, a gente faz. Temos o patrocínio de uma empresa que tem interesse em determinado produto, vamos buscar o produto. O formato é muito diversificado, vai muito do momento, do que se apresenta. Pecamos um pouco nisso, é uma autocrítica em relação a essa coisa do acaso. Nunca nos planejamos muito. Lógico que alguns projetos têm uma regularidade tem aqueles projetos que sempre fazemos no final do ano ou no meio do ano, de alguma forma isso dá aquele norte. Não dá para negar trabalho, não dá para seguir somente com aquilo que está dentro de um planejamento, tem que ter essa flexibilidade.

www.producaoculturalba.net/

E quais os principais projetos que vocês já fizeram e os que realizam atualmente?

São 20 anos de trabalho, já fizemos bastante coisa. O primeiro grande evento que a gente realizou que foi um desafio para nós foi o show do Caetano e do Gil no Parque de Exposições. Esse foi o grande marco para a gente entender essa coisa do mega show e se sentir capaz realmente de fazer. Acho que foi o primeiro evento desse porte que aconteceu no Parque de Exposições, fomos articular com os parceiros, articular transporte público, policiamento, toda essa logística para aquele lugar que nunca havia recebido um evento desse porte. O Parque de Exposições recebia o *Arraiá da Capitá*, mas tinha outro formato, não era um único dia de show para aquela quantidade de pessoas. Esse evento foi interessante porque era uma empresa de São Paulo que era a promotora do evento, teve o patrocínio de uma cervejaria, na época a Kaiser, que fazia um projeto chamado *Kaiser Music*. Veio do Rio de Janeiro uma equipe de técnicos super capacitada e a gente era o braço local dessa história toda para fazer tudo o que esses caras tinham na cabeça acontecer. Foi uma experiência incrível e uma experiência de sucesso, graças a Deus. Esse desafio abriu as portas para a gente se sentir capaz de fazer outras coisas. Também participamos muito ativamente quando o Teatro Castro Alves reabriu. Foi um momento bem efervescente. Fizemos alguns trabalhos com artistas locais, fizemos um trabalho com a Banda de Boca que foi bem bacana. Fizemos o *Conexão Vivo* que foi um projeto grande que surgiu quando a gente resolveu retomar o trabalho da produtora depois de uma pausa de cinco anos porque eu fiquei na Maianga Produções e Piti ficou no Rio. Decidimos só reabrir a empresa se surgisse um grande projeto que fosse um carro-chefe para a gente ter pelo menos uma segurança. Coincidentemente foi quando o projeto estava vindo para a Bahia, a gente fez não só a produção, mas também a gestão. Foi um momento bem rico em termos de relação com artistas da cena local e outros produtores. Hoje fazemos um projeto bem bacana que é o *Festival de Jazz do Capão*. Antes da edição deste ano ele já tinha duas edições, mas participamos da última edição e foi muito bacana. Espero que consigamos colocar ele no calendário se não anual, pelo menos a cada dois anos, com peso, com artistas de qualidade, com essa preocupação que a gente teve com o ambiente, para não causar muito impacto. É um projeto que me encanta, que a gente pretende dar continuidade.

8. Fale um pouco sobre como é trabalhar com a cena independente e com artistas mais consagrados.

Artista é artista. Todo artista tem que ser valorizado e receber a mesma atenção, eu tenho essa preocupação com a qualidade independente do tamanho do evento, do porte do artista que está envolvido, todo artista tem que ser levado a sério e ser bem tratado. É cuidado, é atenção, o produtor tem esse papel de fazer acontecer e fazer com que aconteça bem, com o mínimo de transtorno. Somos essa máquina de fazer acontecer independente do dinheiro, da estrutura, às vezes você está num lugar que não tem a menor condição, mas daquilo ali você faz o melhor possível. O artista é o artista, ele se coloca nesse lugar porque aquilo ali é o trabalho dele, é o bem mais valioso que ele tem, a gente tem que ter esse cuidado com aquela pessoa e com aquilo que ela tem para mostrar.

www.producaoculturalba.net/

9. Quais as principais dificuldades para conseguir a continuidade e/ou a sustentabilidade dos projetos?

A grande dificuldade é recurso. É o que realmente viabiliza ou inviabiliza. Você pode fazer com pouco dinheiro? Pode. Mas a gente não está aqui para isso, a gente está para fazer bem feito, para ganhar dinheiro, para o artista ganhar dinheiro se não, não se justifica. Tudo bem, mostrar o trabalho é digno, é bacana, mas é trabalho. Não dá para fazer de conta que a gente está aqui brincando, a gente está aqui para sobreviver. Plataformas, programas de incentivo, editais, isso tudo viabiliza, faz com que as coisas possam acontecer de uma forma minimamente digna, que você se remunere, pague os profissionais, pague os fornecedores, que o artista tenha um cachê garantido. Quando você consegue recurso, financiamento, fonte de patrocínio, a coisa acontece. O poder público tem o seu papel, os investidores têm o seu papel para que as coisas possam continuar acontecendo.

10. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E em relação à política da meia-entrada?

Formar público é importante, mas a gente é produtor e existe um investimento de tempo, de recurso, de material humano. Não dá para fazer acessibilidade 100%. Tem que ter política de acessibilidade, mas isso tudo tem de ser de alguma forma subsidiado. Não dá para dar a única coisa que a gente tem para vender. Quando você tem um patrocínio via lei de incentivo, essa contrapartida é justa, tem que ser garantida. Em relação à meia-entrada, você não tem como se planejar, tem que ter um limite porque se não o seu trabalho vira filantropia, não gera retorno. O baiano tem um poder aquisitivo baixo, já é difícil, você não tem grandes empresas aqui que invistam, os centros de decisão estão fora daqui, tem essa coisa do interesse estar voltado para grandes atrações, se você acostumar mal o público dando cortêsias e cortêsias... Acho bem complicado. Tem que ter política de gratuidade, formação de plateia, mas com limite, de uma forma justa para não sacrificar só um lado que é o lado do produtor.

11. Como você avalia os espaços culturais em Salvador e na Bahia? Quais as principais carências?

Se existe carência de uma coisa nessa cidade é de espaço. Em termos de teatro de pequeno porte a gente tem um bom leque de opções para pequenos formatos. Mas de médio e grande porte não existe. Você tem o Teatro Castro Alves que é restrito porque não é tudo que você pode fazer ali dentro. Tem uma Concha Acústica, um espaço que eu acho fantástico, dos mais simpáticos que já vi, é agradável para o público, é agradável para o artista. Mas tem suas deficiências, é a céu aberto, você não tem um lugar para sentar direito. Se você quer fazer algo com maior conforto, climatizado, para um público mais seletivo, você já não tem opção. Você tem espaços que não são adequados para música, espaços que têm essas características, são cobertos, têm climatização, estacionamento, mas não têm acústica. Salvador carece mesmo de um espaço multifuncional, uma casa com uma capacidade maior, mas que pudesse ser redimensionada, que tivesse pequenas salas anexas, que tivesse salas multiuso... O empresário que tiver cacife e interesse está perdendo uma grande oportunidade. Tem essa

dificuldade do público ser muito diversificado, é difícil. Você tem aquele público que é a grande massa, quando você propõe alguma coisa com uma maior qualidade, com um preço mais alto você já não tem um público com poder aquisitivo para corresponder. Para grandes eventos você tem uma Arena Fonte Nova, mas o que trazer para fechar a conta? A carência maior é de um espaço, que não seja só grande, mas um espaço qualificado que esteja aparelhado para aquilo. Você pega um espaço como a Arena Fonte Nova é maravilhoso, mas você tem que colocar tudo lá dentro, som, luz, tudo. E quando você coloca na ponta do lápis, não fecha a conta. Se você não tem um patrocinador pesado, para garantir, a conta não fecha. Por que é que Salvador está fora dos circuitos dos mega shows? Por isso, o público não tem poder aquisitivo para pagar, quem tem prefere sair para o Rio de Janeiro, para Minas, para São Paulo, passa um fim de semana, vê outras coisas, tem grana para isso, vai fazer compras, prefere pagar para ver um show fora do que assistir aqui. Falta para grandes eventos não só o espaço, mas a qualificação deste. Mais do que isso, faltam espaços de médio porte.

12. Como você percebe a questão da profissionalização na área cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?

Vejo muita gente com muita qualidade. Os técnicos, muita gente competente e capacitada. Em termos de equipe (técnicos de som, de luz, iluminadores, cenotécnicos...) acho que você já consegue ter uma equipe de profissionais bem bacana, vejo pessoas com muito gás, quem trabalha com isso trabalha com muita vontade, veste a camisa e faz com muita qualidade, não deixa nada a dever a profissionais de outros estados. O que falta aqui é volume para que a coisa cresça. Faltam centros de formação, cursos de capacitação para passar esses ofícios adiante, trazer uma galera nova para o mercado.

13. A partir da sua experiência com produção cultural o que você diria para alguém que está começando a trabalhar nesta área?

Se eu fosse bem fria, eu diria “Vá fazer entretenimento, se você quer ganhar dinheiro”. Mas não é o que eu acredito para mim, não é e nunca foi minha opção. Pelo contrário, já disse “não” para muita coisa porque não tinha a ver com o que eu acredito. É muito difícil eu aceitar fazer alguma coisa que não seja algo com que eu me identifique. Mas se eu fosse dar um conselho bem frio, se a pessoa tem aquilo como meta profissional para o futuro eu daria esse conselho, busque aquilo que tenha facilidade de investimento, de retorno, se é isso que você quer para ganhar dinheiro. Mas se você tem o amor pelo que faz, como é o meu caso, não tem jeito. Tem que continuar, você não consegue viver sem isso, é algo que vai te alimentando. Você termina um processo e diz “Nunca mais eu quero fazer isso”, mas quando você acorda no dia seguinte você já quer começar tudo de novo. Essa coisa de não ter rotina, pelo menos no meu caso, é uma coisa que estimula muito. Se você quer uma vida de altos e baixos (risos), de aventura, sem rotina, entre nessa! Mas independente disso tudo tem a disciplina, tem a organização, independente de ser instável, você tem que imprimir todo o ritmo. Tentar prever, antecipar os problemas, mapear tudo antes para que na hora você tenha o mínimo de surpresas. Seria outro conselho: “Manter tudo o mais planejado possível”.

14. O que e/ou quem projetos/espços/instituições você destacaria em termos de gestão e produção cultural na Bahia e por quê?

Tenho grandes ídolos aqui que são profissionais que de alguma forma fazem parte da minha história, da minha formação e hoje são parceiros também, são amigos. Cada um dentro de seu universo, fazendo coisas totalmente distintas. Tem Irá Carvalho, minha amiga, uma das primeiras produtoras com que eu tive contato, é uma batalhadora, pega no pesado. Tem Dalmo Peres que faz um trabalho bem legal também, que tem uma mão maravilhosa para patrocínio (risos). Vince de Mira que é um cara antenadíssimo. Essa galera nova que está aí cheia de gás, Érica Telles, que tem um potencial maravilhoso. A revitalização do Clube dos Fantoches foi um grande saque, precisa dar uma qualificada melhor, mas acho que é um espaço bem interessante para projetos. Tem a Commons, um espaço que é de Vince, que está aí fazendo uma diferença. Tem o Teatro Jorge Amado que está sobrevivendo, Fernanda Tourinho, uma figura guerreira que está lá mantendo a duras penas aquilo ali. Tem a galera toda que faz a gestão do TCA tem muita coisa bacana que eles conseguiram fazer, aquele evento aos domingos, a R\$ 1,00, acho incrível. Tem a *Série TCA* que traz grandes nomes, grandes espetáculos para aqui. É uma galera que está sempre pensando adiante. Tem a retomada do Gregório de Mattos. Eu vejo bons ventos, boas possibilidades, espero daqui a alguns anos estar com essa perspectiva bem aberta de ver mais coisas acontecendo.

***Entrevista realizada por Marília Moura, dia 25 de setembro de 2013, no escritório da Gil & Canella Produções, em Salvador.**